

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A IMPORTÂNCIA E NECESSIDADE DA ABORDAGEM SOBRE SEXUALIDADE NAS ESCOLAS

EXPERIENCE REPORT ON THE IMPORTANCE AND NEED OF THE APPROACH TO SEXUALITY IN SCHOOLS

Vivien Rissato santos

Natara Dias Gomes da Silva

Resumo: Este trabalho apresenta um relato de experiência de professores em formação, cursando Ciências Biológicas; durante um breve período de estágio em um colégio estadual de Londrina, PR com alunos do Ensino Médio. Durante a realização do estágio, foram ministradas aulas referentes ao assunto reprodução humana masculina e feminina; durante as aulas, observou-se certa carência de conhecimentos sobre o corpo humano e sobre sexualidade por parte dos alunos. Através de uma pesquisa realizada nessa escola, acerca da possibilidade da realização de projetos de educação sexual, verificou-se que os jovens e adolescentes necessitam e desejam mais conhecimento sobre sexualidade, observou-se também que os alunos seriam receptivos a projetos de educação sexual e que seria importante que o professor dedicasse um tempo durante o ano para trabalhar tal assunto.

Palavras-chave: Educação Sexual, sexualidade, Biologia, experiência.

Abstract: This paper presents an experience report on teacher training, studying Biological Sciences, during a brief period of training at a school in Londrina, PR with high school students. During the stage, classes were held on the topic human reproduction, male and female, during class, there was a certain lack of knowledge about the human body and sexuality by the students. Through a survey conducted at the school, about the possibility of projects of sex education, it was found that teenagers and young people need an want more knowledge about sexuality , was also observed that students would be receptive to sex education and projects it would be important for the teacher to devote time during the year to work this issue.

Keywords: Sex Education, sexuality, Biology, experience.

1 Introdução

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

O termo educação sexual é ainda hoje objeto de múltiplos entendimentos ao nível do seu significado, dos seus conteúdos, da sua eficácia e conseqüências. Fala-se em Educação Sexual e Informação Sexual; a Educação Sexual é vista como um processo marginal à construção da identidade sexual, ora como elemento essencial na reforma dos costumes (Rodrigues e Fontes, 2002, p. 177-188).

O assunto sexualidade está presente em ambientes escolares, nas conversas entre meninos e meninas, além de ser um assunto abordado em sala de aula durante o desenvolvimento de conteúdos específicos, principalmente na área de Ciências e Biologia; também é exposto em livros didáticos, e até mesmo na literatura. Está presente em músicas, filmes e novelas, mostrando que os adolescentes estão sempre em contato com esse tema, ouvindo e vendo diferentes opiniões e tentando atribuir um significado próprio para a sexualidade.

A Educação Sexual possibilita aos jovens uma visão natural e positiva da sexualidade, propiciando através dessa visão, discussões acerca dos padrões de comportamento relacionados ao sexo, bem como uma reflexão sobre suas atitudes e preceitos em relação à própria sexualidade. Tal processo permite que estes jovens possam elaborar, através de um pensamento crítico, seus próprios valores; compreender a si mesmo e ao parceiro, além de viver sua vida sexual com responsabilidade, no presente e nos dias que estão por vir. O conhecimento acerca de tal assunto pode ser um forte instrumento de prevenção de problemas futuros, além de proporcionar ao adolescente o conhecimento de seu próprio corpo, permitindo a vivência de uma sexualidade responsável.

O aumento do número de casos de gravidez indesejada entre as adolescentes e também o crescimento das doenças sexualmente transmissíveis entre os jovens nos últimos anos, levou o governo a elaborar medidas que pudessem auxiliar no controle desses casos e também oferecer um conhecimento sobre sexualidade que seria útil na vida particular dos jovens e adolescentes.

As doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez na adolescência tem sido uma preocupação de muitos investigadores brasileiros e estrangeiros. Esta problemática alertou para a necessidade de existir na escola um espaço formal onde os alunos tivessem oportunidade de expor suas dúvidas e curiosidades, pois se constata em alguns livros e artigos sobre o assunto que cada vez mais cedo os jovens têm uma vida sexualmente ativa (Rodrigues e Fontes, 2002, p. 177-188).

Ao se discutir a necessidade da Educação Sexual, deparamo-nos com argumentos contra esta ação, tais argumentos consideram uma total negação não apenas da necessidade da Educação Sexual como da própria existência da sexualidade e/ou de uma negação camuflada por argumentos falsos, indiretos e/ou diretos, que são aquelas pessoas que aceitam, mas não promovem a Educação Sexual. Mas também, deparamo-nos com alguns argumentos favoráveis de ordem psicológica, social, clínica, educacional e profissional.

A Escola tem a tendência de preservar a si mesma, seus métodos e normas vigentes, não valorizando o novo nem o diferente e não ensinando nada que provoque mudanças. A educação sexual trabalhada na escola é orientada para formação da família e remoção dos desejos; cria-se um ciclo de transferência da responsabilidade, no qual a família responsabiliza a escola e vice-versa e ambas responsabilizam terceiros pela educação sexual. Na maioria dos assuntos, o papel da família e da escola parece que vem sendo o de “ensinar” a reproduzir o modelo;

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

nunca repensar os modelos, o que levaria à mudança, inclusive na educação sexual. Na verdade, todos são responsáveis pela por ela; os educadores, formais ou não, devem se policiar sobre o trabalho que vem sendo feito, pois todos nós devemos nos preocupar com o desenvolvimento saudável e a qualidade de vida das crianças, adolescentes e jovens.

Durante um breve período de contato com alunos do Ensino Médio de um colégio estadual na cidade de Londrina, observou-se uma carência de informação sobre o tema Sexualidade por parte dos alunos, mas também uma grande curiosidade e desejo de conhecer mais sobre o assunto. Diante disso, foi elaborada uma pesquisa em que os alunos poderiam expressar sua opinião sobre o ensino da Educação Sexual nas escolas. Essa pesquisa foi aplicada aos alunos e, a partir de alguns resultados e, principalmente, da vivência do professor na sala de aula, realizamos neste trabalho o relato de experiência dos professores de Biologia em formação.

Tendo como ponto de partida os conteúdos trabalhados com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio: Sistema genital masculino, feminino e embriologia; perguntamos-nos sobre como estes jovens estão informados sobre seu corpo, suas dúvidas e questionamentos sobre esse mundo novo que estão vivendo intensamente na adolescência. Além de questionarmos como os professores podem trabalhar esses temas transversais de um modo que os alunos não se sintam constrangidos com o assunto.

Temas da vida cotidiana estão previstos por lei a partir da LDB 93/96, via Temas Transversais, que coloca a educação sexual no currículo oficial da escola. A educação sexual tem se constituído, afirma Silva (2002), em um canal de denúncias que evidencia as situações de vulnerabilidade que colocam os jovens em situações de perigo e risco. E nesse sentido, é preciso que os educadores estejam preparados para reconhecer sinais de vulnerabilidade e que possam contar com estruturas de apoio para encaminhar e atender essas pessoas.

O presente trabalho discute algumas modificações de pontos de vista que ocorreram ao longo dos anos sobre o tema Sexualidade, aborda as mudanças de comportamento na família e na sociedade, principalmente entre crianças, jovens e adolescentes. Também discorre sobre o papel da escola e do professor na formação do aluno e na formação de cidadãos responsáveis e preocupados com o bem-estar coletivo, além de apresentar um relato de experiência de professores em formação durante o período de Estágio Obrigatório na docência em Ciências Biológicas em um colégio de Ensino Médio. O trabalho analisa e discute sobre a necessidade e importância de se haver um momento dedicado ao ensino da sexualidade nas escolas, ressaltando a transmissão de informações, que possibilitem aos alunos um maior conhecimento sobre si mesmo, além de estimulá-los a serem cidadãos mais preocupados e responsáveis com o bem-estar individual e também da sociedade. E finalmente, evidencia a importância do professor e do contato professor-aluno para que haja uma educação satisfatória e significativa.

2 Aporte teórico

2.1 Sexualidade na sociedade ao longo dos anos

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

A mudança de alguns valores morais para a sociedade em geral sobre a visão da sexualidade e o modo como as relações entre os indivíduos são vistos por determinados grupos de pessoas levou a um maior debate sobre o tema a partir dos anos 1980 e 1990. Essa liberdade de expressão trouxe inúmeros impactos sobre a família, sociedade e até mesmo sobre o Estado.

Entretanto, nem sempre o que é mencionado nas conversas, nos meios de comunicação, em casa e até mesmo nas escolas é um conhecimento fiel e correto. Observa-se que existe entre os adultos e também entre os alunos uma carência de informação sobre o próprio corpo e, principalmente, sobre as relações entre os parceiros. Isso nos leva a ressaltar uma necessidade de aumentar e disponibilizar o conhecimento sobre o assunto nas escolas, pois são os nossos alunos que estão cada vez mais cedo iniciando sua vida sexual e afetiva; são esses alunos que muitas vezes não tem liberdade de conversar em casa com a família e são eles que vão transmitir um novo conhecimento para a família, amigos e até mesmo, para suas futuras gerações.

ALTMANN (2001) expôs que a Orientação Sexual já está presente como um Tema Transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) o que

é um indício da inserção deste assunto no âmbito escolar e do interesse do estado pela sexualidade. Cabe, portanto, à escola – e não mais apenas à família – desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa que promova a saúde das crianças e dos adolescentes (ALTMANN, 2001).

TONATTO e SAPIRO (2002) também relatam o interesse dos alunos sobre a sexualidade, as dúvidas e curiosidades mais comuns e também os conceitos prévios que as crianças e adolescentes carregam com eles, além de conceitos arraigados e que muitas vezes não são verdadeiros, são apenas senso comum.

Segundo ALTMANN (2001), a sexualidade das crianças e particularmente dos adolescentes é preocupação escolar desde o século XVIII, quando esta questão torna-se um problema público.

No Brasil, nos anos 20 e 30, os problemas de “desvios sexuais” deixam de ser percebidos como crime para serem concebidos como doenças. A escola passa a ser tida como um espaço de intervenção preventiva da medicina higiênica, devendo cuidar da sexualidade de crianças e adolescentes a fim de produzir comportamentos normais. Durante as décadas de 60 e 70, a penetração da educação sexual formal na escola enfrentou fluxos e refluxos, como mostra Fúlvia Rosemberg. Na segunda metade dos anos 60, algumas escolas públicas desenvolveram experiências de educação sexual. Todavia, elas deixam de existir em 1970 após um pronunciamento da Comissão Nacional de Moral e Civismo dando parecer contrário a um projeto de lei de 1968 que propunha a inclusão obrigatória da Educação Sexual nos currículos escolares. Em 1976, a posição oficial brasileira afirma ser a família a principal responsável pela educação sexual, podendo as escolas, porém, inserir ou não a educação sexual em programas de saúde. Durante os anos 80, a polêmica continuou. Todavia, afirma a autora, as modificações ocorreram quase que exclusivamente em nível de discurso (ALTMANN, 2001).

Sobre a Educação Sexual nas escolas, ALTMANN continua dizendo acerca do que motivou a discussão da sexualidade aqui no Brasil nos anos 30, e compara com

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREPIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

os motivos que trouxeram o tema novamente para a sociedade, e também para o Estado.

Enquanto nos anos 30 a discussão sobre educação sexual eclodiu na escola num momento em que a sífilis fazia numerosas vítimas, atualmente a intensificação das preocupações com a orientação sexual na escola está vinculada à proliferação de casos de AIDS/DST e ao aumento de casos de gravidez entre adolescentes. Atribui-se à escola a função de contribuir na prevenção dessa doença e dos casos de gravidez (ALTMANN, 2001).

2.2 Relato de Experiência

Como exposto, os jovens e adolescentes estão iniciando sua vida sexual cada vez mais cedo; muitas vezes influenciados ou levados por uma “ditadura” social das últimas décadas, em que se tornou cada vez mais frequente a abordagem do tema sexo em novelas, programas de televisão, músicas e filmes; na maioria das vezes, destinados aos próprios adolescentes. Nas últimas décadas, foram rompidos muitos dogmas sobre esse assunto, houve uma época na história em que o sexo em si era visto como “imoral” e todo aquele que o praticava ou mesmo falava sobre ele era visto como uma pessoa sem pudores. Naquela época, marido e mulher não tinham liberdade para conversar entre eles e menos ainda com os filhos; logo, os mesmos cresciam levando consigo apenas conceitos básicos e, algumas vezes, errados sobre a sexualidade.

Essa falta de liberdade entre pais e filhos pode ter colaborado com a disseminação de conceitos errados. Mas, por outro lado, os casos de moças solteiras grávidas eram mais raros, assim como os relatos de jovens acometidos por doenças sexualmente transmissíveis; exceto aqueles que mantinham uma vida “à margem dos preceitos morais” da sociedade da época. Já no presente século, o que se observa é um aumento no número de crianças iniciando sua vida sexual, adolescentes grávidas e um elevado número de pessoas que já apresentaram ou ainda são acometidas pelas doenças transmitidas através das relações sexuais (DSTs). Isso se deve, principalmente, pela mudança na sociedade, uma mudança que pode ser caracterizada por alterações de valores morais de um grupo de pessoas, grande influência dos meios de comunicação e maior liberdade para se conversar sobre o assunto; liberdade esta estimulada pela mudança de valores, ou simplesmente por analisar o tema sob outro ponto de vista.

Entretanto, apesar de comprovada essa mudança na sociedade, o conhecimento sobre sexualidade não parece ter sido alterado em uma mesma proporção, ou melhor, de maneira satisfatória. Nas décadas de 30 até os anos 1970, mais ou menos, observava-se uma falta de conhecimento sobre o próprio corpo, sobre homens e mulheres, sobre relações sexuais, gravidez e doenças, principalmente pelo fato de que esse conhecimento não estava disponível - moralmente disponível - ou seja, um conhecimento que não era transmitido, compartilhado. Atualmente, observa-se que as informações estão em todos os lugares, principalmente, na televisão, internet e sala de aula, mas isso não implica no fato de que todas as crianças, adolescentes e jovens compreendam e conheçam mais sobre si mesmos.

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

Durante o período que compreendeu a realização do estágio curricular obrigatório para professores de Biologia aos alunos de Ensino Médio, observou-se grande dificuldade dos alunos ao se tratar de alguns conteúdos básicos da biologia, tais como corpo humano e reprodução. Verificou-se grande dificuldade inclusive em localizar e identificar partes do próprio corpo, problemas para identificar órgãos do sistema reprodutor masculino e feminino e, mais ainda, em relacionar com suas funções. Constatou-se que é comum os alunos associarem o sistema reprodutor apenas aos órgãos externos e que também são freqüentes as dúvidas acerca de onde e como são produzidas as células reprodutoras masculinas e femininas, um grande desconhecimento sobre os hormônios sexuais, suas funções e importância no corpo do homem e da mulher, muitas dúvidas sobre a fecundação e desenvolvimento de um embrião; além de um desconhecimento quase total de métodos contraceptivos e, sobretudo, doenças sexualmente transmissíveis.

Um fator que deve ser considerado para analisar a deficiência de certos conceitos nos alunos é a dificuldade que muitos deles podem apresentar em relacionar um conhecimento que é do seu cotidiano com um conhecimento científico, ou seja, uma dificuldade de perceber que o assunto abordado em sala de aula é o que ele vivencia todos os dias, pois durante todo o tempo esse aluno olha para seu corpo e o sente, mas não consegue relacionar com aquele corpo que o livro didático mostra e que o professor explica durante a aula.

As falhas de conhecimento são grandes, entretanto, observou-se também que o interesse e a vontade de conhecer mais sobre si mesmo e sobre suas relações com outras pessoas é muito grande. Em todos os momentos em que os professores mencionavam assuntos que envolviam sexualidade, uma grande euforia era percebida em sala de aula, um desejo de ouvir falar mais sobre o assunto e, conseqüentemente, de se *conhecer* mais.

Tendo percebido esse interesse dos alunos durante o período de estágio, elaboramos uma pesquisa para que pudéssemos investigar se aqueles alunos seriam receptivos a aulas de Educação Sexual no colégio, durante a qual seriam abordados basicamente assuntos como o corpo humano e reprodução, o que envolveria também temas de importância médica e social, como a gravidez e doenças sexualmente transmissíveis.

Observamos que alguns alunos se manifestaram contrários a aula de Educação Sexual, sendo totalmente contra a abordagem do assunto nas escolas, mencionando inclusive, que as conversas sobre sexualidade devem ser tratadas exclusivamente com a família. Porém, grande parte deles gostaria de participar de aulas ou palestras sobre Educação Sexual. Muitos relataram que acham o assunto interessante e de “extrema importância” para suas vidas. Mencionaram, também, que muitos não têm liberdade para conversar com os pais e com a família sobre o assunto e que o momento em que se sentem mais à vontade para perguntar e falar sobre a vida pessoal é com os amigos e com o professor.

É importante que o aluno perceba que alguns problemas de caráter público são ocasionados, muitas vezes, por atos inconseqüentes de jovens e adolescentes. Um exemplo é a disseminação das DSTs, principalmente, a AIDS. Através da pesquisa realizada, também foi possível notar que os adolescentes iniciam sua vida sexual sem saber como se prevenir de doenças, gravidez, como tratar as doenças e como evitar a transmissão dessas para outras pessoas. Se ele não sabe como as doenças são contraídas, como podem ser evitadas e como podem ser tratadas, não

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

estará preocupado em proteger a si mesmo e aos outros, o que leva ao grande aumento do número de indivíduos acometidos por algum tipo de doença. Todos esses fatos formam um ciclo de responsabilidades, causas e conseqüências, ou seja, uma ação sempre levará a uma conseqüência e esta pode ser um problema individual ou coletivo e à medida que um problema torna-se coletivo é dever do Estado trabalhar para diminuir os danos em defesa da sociedade. Outro problema, tão ou mais grave quanto este é a gravidez indesejada na adolescência. Neste caso, uma família inteira sofre influência afinal, é a formação de uma nova *pessoa*. Mas as conseqüências podem ser ainda mais sérias, pois uma gravidez indesejada para adolescentes que não possuem uma base familiar sólida é ainda mais difícil de dar seqüência, o que nos leva a pensar em possíveis outros problemas sociais que podem ser desencadeados.

Assim sendo, fica claro que a escola tem um papel fundamental na formação do aluno, aliás, não apenas na formação do aluno, mas na formação de um cidadão. Assim como a política, a cultura, o meio ambiente e a saúde extrapolam todas as áreas do conhecimento, estão interligadas e totalmente relacionadas com a sociedade, a sexualidade também é um assunto de interesse pessoal e social. A escola é o local ideal para que todas as áreas de conhecimento interajam e explorem esse tema com os alunos, principalmente através das aulas de Biologia; cabe ao professor, relacionar o conteúdo do cotidiano do aluno com o conhecimento científico.

A realização de palestras, aulas e grupos de discussão sobre sexualidade nas escolas pode contribuir para desmistificar alguns conceitos, quebrar e superar preconceitos e principalmente para promover o conhecimento dos alunos e estimular a *responsabilidade*. Quando o aluno tem o conhecimento das alterações que acontecem no corpo e na vida da pessoa durante e após as relações sexuais, o conhecimento das conseqüências que um ato simples e comum pode trazer para o resto da vida - como, por exemplo, a gravidez e doenças sexualmente transmissíveis – o próprio aluno criará uma consciência, perceberá que suas ações sempre geram conseqüências para si e para a sociedade à sua volta. O conhecimento sobre sexualidade não é importante apenas porque os alunos gostam e se sentem motivados, mas também porque através dele pode-se evitar ou diminuir problemas que afetam um indivíduo e a sociedade.

3 Considerações finais

Através deste relato de experiência, podemos afirmar que os jovens e adolescentes *necessitam* de mais conhecimento sobre sexualidade e, principalmente, que eles *desejam* conhecer mais. Assim, é importante que o professor dedique um tempo durante o ano para trabalhar esse assunto, e se possível, que a escola também invista em palestras com profissionais que trabalham nessa área, estimulando os alunos a desejarem o conhecimento e agirem com responsabilidade.

Referências

ALTMANN, H. Orientação sexual nos Parâmetros curriculares Nacionais. **Estudos Feministas**. Ano 9, p. 575-585, 2001.

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

FUNDAMENTAL, Secretaria de Educação. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**. Brasília: 1997.

RODRIGUES, I.T. e FONTES, A. Identificação do papel da escola na educação sexual dos jovens. **Investigações em Ensino de Ciências**. Portugal: Vol. 7, n. 2, p. 177-188, 2002.

TONATTO, S. e SAPIRO, C. M. Os novos parâmetros curriculares das Escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em Ciências. **Psicologia & Sociedade**. Vol. 14, n. 2, p. 163-175, 2002.

SAITO, M. I. e LEAL, M. M. Educação sexual na escola. **Pediatria**. São Paulo: vol. 22, n. 1, p. 44-48, 2000.

SILVA, R. de C. **Orientação Sexual: possibilidade de mudança na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.